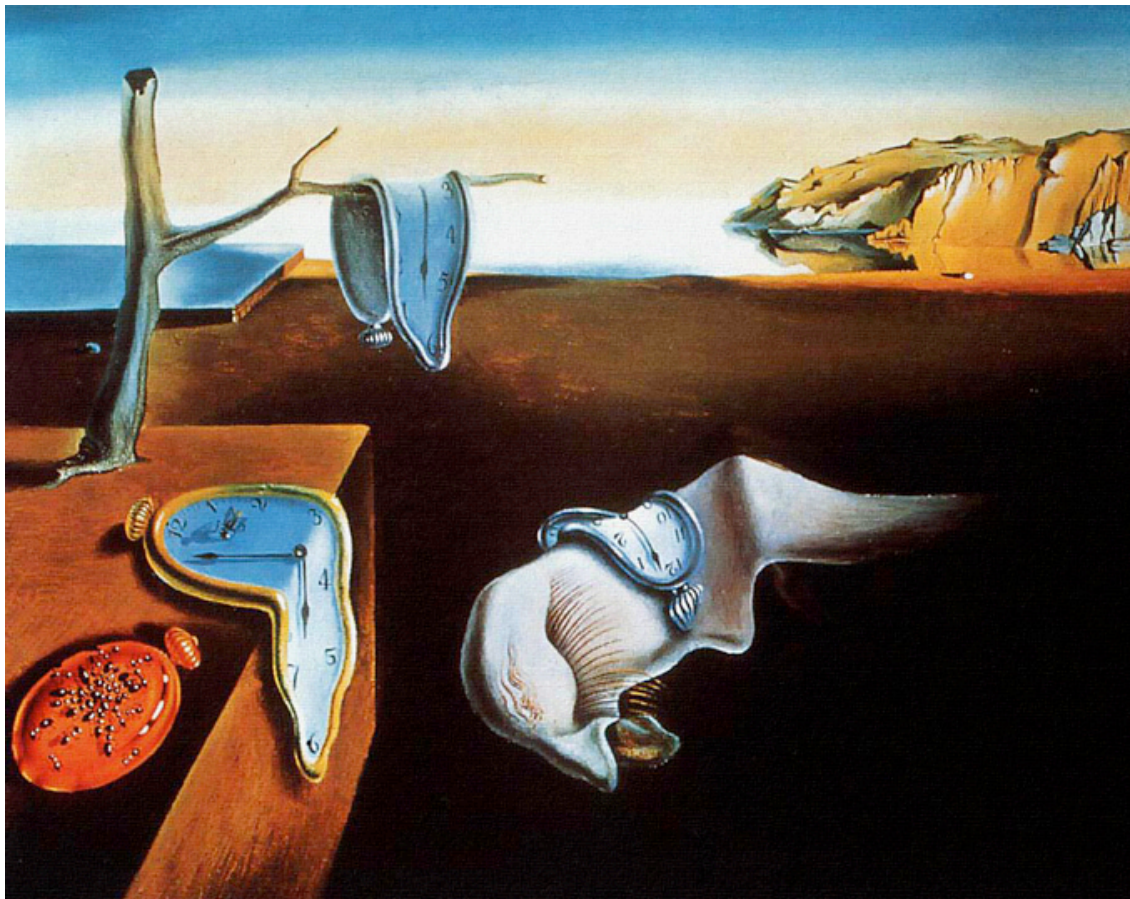


Reflexões

O passado do idoso



Miguel Perosa

Recentemente, recebi uma mensagem noturna de um sobrinho, filho da minha irmã querida, recém-falecida, com quem brinquei de casinha na infância. Dizia: "estou mapeando as músicas que minha mãe gostava. Essa é uma delas". E enviou um anexo com a música. Eu a ouvi e fiquei muito emocionado. Fiquei mais sozinho sem minha irmã. E me passou pela cabeça que meu passado é muito solitário. Não o tenho repartido quanto deveria e nessa hora de luto, precisaria. Então fiz essa reflexão sobre o passado, o passado do idoso, para tornar suportável o sofrimento do luto.

Idosa é a pessoa que possui um longo passado. E sempre associamos esse grande passado à sabedoria. Mas nem sempre é assim. Não é fácil nem automático transformar o passado vivido em sabedoria. Muitos preferem esquecê-lo. Ou distrair-se dele, mergulhando nas tarefas cotidianas. Isso porque muitas vezes ele assusta, persegue, ou inunda e fragiliza. Machuca. O fato é que nós, os idosos, temos que lidar com ele. Mas nem sempre o fazemos bem.

Sabemos pouco sobre o tempo. Santo Agostinho dizia que quando ouvia falar sobre o tempo, entendia perfeitamente. Mas quando pediam para que ele explicasse o tempo, não conseguia. O que é o passado? Seria uma sequência cronológica de fatos e pessoas que passaram pela nossa vida e que está guardada numa curva qualquer do nosso cérebro? E a lembrança, o que é? Como ela aparece no presente? Por que aparece? Para quê?

Vamos voltar, vamos lá para trás. Criança não tem passado, não sabe o que é isso. Sabe o que é antes, sabe o que é depois, mas não sabe o que é passado. Vive mergulhada no presente, absorvida nas suas brincadeiras e ocupações e necessita do adulto para que se lembre das horas. Criança vive no mundo dos pais, é desse mundo, é parte desse mundo. Ainda não tem um mundo próprio. Nasceu num mundo de pessoas, objetos e acontecimentos que são significados pelos seus pais. Ela ainda não tem um modo próprio de significar o que vive. Vai desenvolvendo devagarinho esse modo e numa bela hora descobre a existência da sua individualidade. Então, percebe que ninguém tem as mesmas sensações físicas que ela, ninguém tem o mesmo modo de pensar, de olhar, de sentir. Virou adolescente, e tornar-se adolescente significa inaugurar muita coisa na vida.

Em primeiro lugar, inaugura o passado. A infância agora não é mais possível de ser vivida, apenas recordada. Se uma criança resolve fazer xixi nas calças novamente, ela regride e faz. Mas se um adolescente resolve fazer xixi nas calças, melhor procurar tratamento, não é? Já não é possível.

Mas se a infância é o passado, o presente da adolescência é o futuro desse passado. E será sucedido por outros futuros. Tornar-se adolescente é entrar definitivamente na temporalidade da vida, com o seu já-sido, com o seu sendo, com seu a ser.

Como essas três dimensões do tempo são vividas? Como se articulam? Freud conta uma história sobre isso. Disse:

Imaginemos um órfão, andando pela calçada em direção a uma entrevista de emprego. No caminho começa a fantasiar que vai muito bem na entrevista e que já no dia seguinte começaria a trabalhar no novo emprego. E pela sua dedicação, pontualidade, inteligência e compromisso iria pouco a pouco galgando postos até que começaria a despachar com o presidente, o dono do negócio. E esse homem perceberia suas virtudes e o admiraria. A tal ponto que um dia o convidaria para jantar em sua casa. Ele vestiria a sua melhor roupa, e ao chegar para o jantar quem abriria a porta da casa? A filha única do presidente, maravilhosa e simpática.

E seria um amor à primeira vista. Ela também se encantaria com o jovem. Seu pai veria com muitos bons olhos esse relacionamento e por fim eles se casariam.

Com o tempo, o presidente se afastaria da operação dos negócios e ficaria apenas no conselho, passando essa responsabilidade para o nosso jovem. Por fim, com a sua morte, o jovem assumiria a propriedade e a gestão dos negócios.

Freud pergunta: mas que fantasia é essa? Por que o jovem a teve? E dá sua resposta: um órfão desempregado voltou no tempo, para uma época em que tinha família, portanto retaguarda e segurança, e as projetou como um sonho de futuro. Dito de outra maneira: uma necessidade do presente foi buscar nas experiências do passado a situação em que essa necessidade estava satisfeita e a projetou para o futuro.

Outra forma de entendermos essa história seria: um propósito de futuro (conquistar retaguarda e segurança), fruto do seu presente incerto, buscou no passado a situação em que esse propósito estava satisfeito e lhe deu forma. O fato é que passado, presente e futuro estão permanentemente articulados. O passado já deixou de ser, só existe no presente, como memória. O futuro ainda não é. Só existe no presente, como esperança e propósito. Todos os tempos se articulam no presente.

O passado recordado não é idêntico àquele que foi vivido quando era presente. Quantas vezes, ao nos lembrarmos do passado, dizemos: "Como eu era bobo! Se fosse hoje reagiria de outra maneira, teria tomado outra decisão, me comprometido com outras ideias". Recordamos o passado com os nossos olhos do presente, com a experiência que a vida nos deu nesses anos todos.

Como o passado se faz presente? Às vezes um perfume nos traz o passado. Outras vezes, um acontecimento nos lembra outro semelhante que já ocorreu. Porém, ele não é recordado sem o futuro. Imaginemos a seguinte cena: vamos supor que você gosta de comer pãozinho francês quentinho. E que você sabe que na padaria da esquina, que aliás fica no térreo de um prédio onde mora um amigo seu, sai uma fornada às 5 da tarde. Dez para a cinco, você se dirige até lá. No caminho, mesmo que automaticamente, você precisa se lembrar se a padaria fica na esquina da direita ou da esquerda. Compra meia dúzia de pão, não fecha o saco de papel para não murchar os pães e - padaria chique - compra também um pacote de manteiga francesa, volta à sua casa, passa um café novo e come aquela manteiga francesa derretida no pão quentinho.

O que aconteceu? Um propósito de futuro (comer pãozinho francês), mobilizou você no seu presente, resgatou um traço de memória do passado (esquina da direita ou da esquerda) e deu um significado para esse trajeto (caminho até a padaria). Mas, se a sua intenção não fosse ir até a padaria, mas visitar seu amigo, aquele mesmo percurso se chamaria caminho para a casa do meu amigo. É o futuro que dá significado ao passado.

Outra tarefa do futuro: é ele quem torna presente o passado. Se não houvesse propósito de futuro nenhum, nenhum passado seria recordado. Por exemplo: quando uma pessoa cruza as pernas automaticamente, o faz porque teve o

propósito de ficar sentada confortavelmente. Foi buscar na memória, mesmo que não tenha se dado conta disso, uma posição em que já ficou sentada confortavelmente. E então cruzou as pernas. Mas, se já estivesse se sentindo bem acomodada na cadeira antes de cruzar as pernas, não teria esse propósito de futuro e nenhum passado seria acessado.

Na minha idade, já tenho mais passado que futuro. Vou durar mais quanto? Quinze anos? Vinte, vá lá, se me cuidar direito. E então vou morrer. E porque vou morrer o presente e o passado precisam ser bem cuidados. É preciso que eu me reconcilie com meu passado e cuide de que meu presente seja preenchido de atividades que sejam significativas para mim. Já não tenho todo o tempo, já sei que não sou imortal, já aceito esse fato. Então minha vida tem que ser bem vivida, precisa valer a pena. Não vou mais desperdiçar meu tempo com o que não tem interesse nem relevância para mim.



Nesta altura do campeonato, muita coisa já não me interessa. É uma liberdade não me interessar por aquilo que não seja significativo para mim. Eu me desobriço. Escrever tem sido uma atividade importante para mim. Também fazer contato com meus afetos, meus irmãos, minha família, amigos. Leio cada vez mais é isso é muito enriquecedor para mim. Toda noite leio um pouco. Cuido do corpo na academia. Alimento-me cada vez melhor. Dou aula, supervisão e atendo pacientes no consultório. Pago minhas contas. Só faço o que gosto.

E tudo isso porque vou morrer. Já imaginou se eu não morresse nunca? Seria um inferno. Nada teria importância, tudo poderia ser adiado. Não precisaria do tempo, ele nem existiria. Seria um tédio permanente. Mas porque vou morrer, as coisas ganham importância e vivacidade. Vou morrer, que bom. A morte é quem dá sentido à vida.

Imaginemos um adolescente sentado numa carteira fazendo uma prova de vestibular. Estudou muitos anos para ter condição de estar ali. Mas ele pode simplesmente levantar-se e ir embora. Não o faz porque tem o propósito de tornar-se em futuro próximo um estudante universitário. É esse futuro que explica a realização da prova. O passado lhe dá as condições para isso. Todo o conhecimento adquirido em anos é recuperado pelo propósito, naquele momento. O futuro busca o passado e lhe dá sentido. Mas sem o passado de estudos o propósito de tornar-se universitário simplesmente não existiria. O passado dá as condições do futuro. E o futuro evoca o passado e o significa.

Se não sou capaz de propor objetivos de futuro a mim mesmo, meu passado se empobrecerá. Se meu passado estiver impossibilitado de ser acessado no presente, meu futuro se empobrecerá.

O passado pode estar bloqueado porque sua presença pode causar muito sofrimento. Mágoas, decepções, medos, traumas, podem bloquear o acesso ao passado. Também um futuro ruim torna inútil o acesso ao passado. Por essa razão é preciso cuidar do passado e do presente: para que o futuro possa ser preenchido de propósitos significativos.

Mas o que é cuidar do passado? Cuidar do passado significa compreendê-lo. Compreender é abrir possibilidades de significado. E quando acontece conseguimos contar a história de vida na primeira pessoa do singular e não como consequência dos outros, da sorte, dos acontecimentos do mundo. Portanto, encontrar o significado dos acontecimentos do passado, é compreendê-los e deles se apropriar. Não damos significado ao passado, nós o descobrimos. Para isso é necessário estarmos abertos a ele e nos deixamos tocar pelas experiências passadas, mesmo que doam. E, atentos, sem julgá-lo. Podemos, então, ouvir o que estão dizendo e descobrimos o que significam.

Essa compreensão abre a possibilidade de nos libertarmos. Quando uma experiência de vida é compreendida já pode repousar no instante do seu acontecimento. Temos a posse do seu significado e não precisamos mais revivê-la no presente, estamos livres da sua repetição. Nosso passado compreendido se engrandece e se torna um livro aberto onde podemos consultar a sabedoria que os anos deixaram em nossas vidas.

Mas se não conquistamos o significado do vivido, ele se repete das mais diferentes maneiras para que o signifiquemos. Porque na vida, tudo o que não se resolve, se repete nos acontecimentos cotidianos, com uma roupagem atual. E ocupa boa parte do nosso presente.



Outra dimensão do se apropriar do passado é o perdão. Perdoar a si mesmo e àqueles que nos fizeram sofrer é uma libertação e não tem nada de divino. Perdoar é encarregar-se das mágoas e dos sofrimentos sofridos e libertar-se de quem os causou. É um trabalho árduo e dolorido. Mas se não perdoarmos, continuaremos dependentes e nossa vida não estará em nossas mãos.

Aprisionados no passado, não teremos possibilidades de nos projetarmos no futuro. E nosso presente não terá sentido.

Viver bem nossa velhice depende da compreensão do nosso passado e do perdão para que tenhamos no presente a possibilidade de projetarmos um futuro pleno e significativo.

Uma transformação que resulta da apropriação do passado pode ser resumida na frase: "Um passado solitário é um passado triste". De posse do nosso passado, encontrar as pessoas que foram testemunhas das nossas experiências já não será uma dificuldade. Elas não irão trazer de volta mágoas e sofrimentos. Ao contrário, nos farão evocar um tempo cujo significado conhecemos e que enriqueceu nossa vida. Iremos ao seu encontro, as manteremos próximas. Compartilhar o passado é entrar em contato com a sabedoria própria e a do outro, é motivo de alegria e leveza.

Talvez seja isso o que queremos dizer quando falamos: "estou de bem com a vida".

Data de recebimento: 20/09/2016; Data de aceite: 14/11/2016.

Miguel Angelo Yalenti Perosa – Psicólogo. Professor da Faculdade de Psicologia da PUC-SP de 1977 até a presente data. E-mail: m.perosa@terra.com.br